

Carta à Ninguém



Quando eventos trágicos ou fortes traumas ocorrem, é normal que o ser humano reaja desesperadamente na busca da vazão dos seus sentimentos em ebulição. Despossuídos de quaisquer outros meios eficientes para reajustar a realidade ao *status quo ante* – a situação anterior sentida como segura, estável e, portanto, agradável – o desabafo é, então, uma das estratégias mais ao alcance das mãos para os sem-poder. Alguns telefonam para amigos, outros choram na sala de estar da casa, alguns vão para o divã, muitos postam sua indignação no Facebook ou, em esforço descomunal de síntese, tuítam sua dor. O evento que me sucedeu hoje, contudo, é um anti-evento. Nega todas as possibilidades de desabafo. Não pela gravidade do fato, posto que qualquer olhadela no jornal nos permite vislumbrar assassinatos, estupros e violência de todo tipo, muito mais ao gosto do freguês do que minha narrativa afrescalhada e atrapalhada do episódio.

Fato é que na minha condição de professor, gostaria de escrever uma “Carta à Alguém” tal como os grandes intelectuais fazem, angariando tanto mais holofotes quanto mais inúteis são suas fórmulas para ajeitar todos os males do real. Mas qual a natureza do fato que me acometeu e quais elementos me retiraram a possibilidade de escrever minha Carta inútil endereçada a alguém?

Do fato, ainda que sem sal, posto que sem o suficiente sangue para ilustrar páginas policiais, pode-se, ao menos, dizer que teve seu lado de aventura. Ao

levar dois amigos franceses que estavam hospedados em minha casa para dar um último passeio para tirar as últimas fotos antes de partirem de ônibus rumo a Natal, fomos abordados no meio da caminhada na areia da praia em plena luz do dia, por quatro jovens negros e pobres. O assalto foi anunciado de supetão, em meio a banhistas, surfistas, tomadores de sol e jogadores de ping-pong. A primeira impressão foi a de que se trataria de um dos milhares de pickpockets de menor periculosidade que se pode espantar ao fazer um escândalo ou, em último caso, correr. Apressamos o passo até que um dos garotos convidou-me a entregar-lhe a bolsa que carregava (tratava-se de máquina de fotografar Canon semi-profissional) mostrando-me sua imensa faca. Estavam armados de facas que, devido à minha magreza, se fossem usadas em minha barriga teriam as pontas expostas pelas minhas costas. A reação imediata foi correr da imagem do pesadelo da faca penetrando na carne. O francês e a francesa escaparam, eu fui escolhido para ter a fuga impedida, semi-cercado, correndo na areia fofa, fisionomia de inimigo branco da classe média na cidade com 80% de negros pobres, incapacidade de dar um arranque ao estilo dos corredores profissionais, mais parecendo maratonista após 30km de percurso, a faca brilhando pelo olhar de soslaio que dei para medir rapidamente quais as chances de sair vivo da situação, o brilho da faca desconcentrando minha lerdeza para correr na areia fofa e, ENFIM, a queda! a queda! Caí na areia branca fofa de frente, tal como uma caça abatida pelo caçador. Senti o fungar do caçador no meu cangote: “A bolsa ou a morte!” O peito inchou-se de uma última esperança, o caçador não queria a morte da caça ou – talvez com mais razão – a caça não era eu, mas simplesmente a bolsa. Joguei a bolsa-isca para o lado na intenção de desviar o caçador para aquilo que, no fim das contas, era sua presa. Já virado de frente e semi-levantado, cuspidando areia pela boca, nariz e olhos, percebo que ele hesita entre os dois objetos – eu e a bolsa. Opta pela bolsa, recolhe-a, corre. Eu corro para o lado oposto. Os franceses já estavam mais à frente, em segurança assistindo a cena, junto com os demais frequentadores da praia no sábado de sol, que mantiveram impassíveis suas atividades sem prestar muita atenção ao que ocorria. Olho para trás, o menino já havia juntado-se aos três outros e juntos todos correram em direção ao areal que havia na redondeza. O espetáculo havia chegado ao fim.

Se a falta de sangue impede o caso de ser comentado massivamente (talvez uma facadinha mais de leve tivesse no fim das contas sido benéfica), subjetivamente falando, posso dizer que a experiência de correr de alguém que corre detrás de você com uma faca não-pequena aos gritos de “vai morrer” foi extremamente esclarecedor. Sim, eu disse esclarecedor e não estarecedor. E essa parte esclarecedora esclarece a outra pergunta: por que não posso escrever Carta à Alguém?

Precisamos mapear, ainda que rapidamente, os grandes atores sociais (vício de sociólogo). Eu represento a classe média branca que beneficia-se do fato de que o Brasil se tornou a sexta economia mundial para comprar máquinas de foto Canon semi-profissionais. O meu caçador representa parte da casta mais baixa da sociedade, composta majoritariamente por negros, para os quais a sexta economia mundial abre oportunidades de renda para consumo de produtos baratos, genéricos, sem marca, divididos no crediário, sem representar elevação no nível sócio-cultural (fruição de produtos culturais e letramento) ainda que com níveis educacionais formais mais elevados. No entanto, ele e seus três amigos facas-longas não têm acesso sequer à estas oportunidades de renda ou julgam que solicitar máquinas de foto Canon semi-profissionais usando o sugestivo tremular de uma faca para o indivíduo da classe média branca é renda mais segura e melhor do que qualquer empreguinho de salário mínimo que não atende às suas demandas de máquinas de foto Canon semi-profissionais que o indivíduo da classe média branca tem acesso. O terceiro ator importante é o Governo, controlado pela esquerda que antes criticava a direita, mas que, uma vez no poder, torna-se ela mesma a direita, propagandeando uma realidade idílica de país da sexta economia mundial, que gera emprego-e-renda e melhora a vida de todos. 😊

Ora, por esse rápido mapeamento, fica claro que há um conflito social, para não dizer guerra social, de grandes dimensões acontecendo e que a democracia brasileira não tem encontrado canais de resolução ou mesmo de discussão. As teorias sociológicas, políticas, antropológicas, econômicas, etc., por sua vez, criam um mundo paralelo ao real, abandonando a época em que o empírico

servia para banalizar seus discursos bonitos e lógicos. A mistura do acadêmico com o político-esquerdista-de-gabinete é ainda mais trágico. Saio de uma leitura dos comentários do Emir Sader, por exemplo, com a sensação de que o Brasil está se transformando em uma espécie de paraíso (não fosse a existência da Veja e de Miriam Leitão) até pegar um ônibus e observar o mundo ao meu redor para desconfiar de que este Brasil-bom pode até existir, mas está escondido em algum lugar que minha mente curta de inteligência e meus olhos estrábicos de nascença não conseguem perceber.

No mundo real, o Brasil é um país loteado, mas com lotes menores do que os da época das capitanias hereditárias ou das sesmarias (ao menos nos meios urbanos). O espaço público enquanto *locus* de con-vivência entre os cidadãos reduz-se na razão inversa do crescimento econômico em um fenômeno de construção social que vem ocorrendo desde os incrementos industriais e populacionais iniciados no século XX. A cidade torna-se cada vez mais um espaço dividido e proibitivo. Classe média branca não entra em espaço das castas inferiores (e nem deseja entrar). Castas inferiores não compartilham o mesmo espaço, não respiram o mesmo ar que as classes médias superiores a si. Os muros da pobreza parcialmente remediada pelo crescimento econômico no campo da informalidade (ainda que com a persistência da desproteção previdenciária e da precariedade no mundo do trabalho) contrasta com os muros de concreto dos novos condomínios fechados que buscam reproduzir o espaço público como cientistas reproduzem ratos em laboratório. Os novos empreendimentos imobiliários contam com residência, escritório, área de recreação, academia de ginástica, piscina, mercado, padaria e agora até shopping center. A metáfora da bolha imobiliária não reduz-se mais à especulação que causou a crise nos mercados mundiais a partir das hipotecas norte-americanas. A bolha é o condomínio auto-suficiente que esconde a realidade dos olhos da classe média branca. Os parques públicos, as praças, podem ser entregues à ação destrutiva do tempo e predatória dos vândalos porque a classe média branca já não se importa. Ela criou seus próprios espaços particulares. Não à toa, a classe média branca sente-se chocada com notícias de arrastões em shopping centers. Na praia tudo bem, já a abandonamos, mas dentro dos meus muros???

Inaceitável! A cidade torna-se carcomida, ridícula, escura, esburacada, fedorenta. Quem se importa? Estou na beleza artificial da minha fortaleza particular. Já não se percebe o quão ridículo é uma casa bonita e arrumada rodeada de miséria e violência. Como se uma cereja no topo de um bolo feito de lixo fosse suficiente para esconder a decadência de quem come apenas a cereja.

Do outro lado, distante do mundo dos intelectuais e dos governantes, ambos já mal-acostumados com o conforto dos gabinetes ou das verbas governamentais que financiam pesquisas, há o mundo real das castas mais baixas compostas majoritariamente por negros de forma a deixar claro nossa herança histórica de 388 anos de escravidão oficialmente aceita (agora apenas veladamente tolerada nas produções para lojas de grife, fazendas e *maquiladoras* urbanas). Em parte deste mundo, a sexta economia mundial faz-se presente como acesso a certos tipos de consumo, ainda que ao preço do endividamento em crediário: tela de LCD, computador, geladeira, sofá, um rack novo para combinar com o sofá novo. Outra parte fica para trás, aumentando as gradações de sub-classe no interior da classe. Na mesma favela há o favelado-que-venceu e o favelado-que-perdeu. Comum a ambos apenas os traços de que suas habitações permanecem precárias, muitas sem saneamento básico, algumas sem água encanada, bem como permanecem estereotipados em conjunto para o lado classe média branca da sociedade, sendo alvos da violência simbólica e policial. A favela, assim, agora pulsa, sendo ela mesma um microcosmo do conflito de classe que acontecia antes apenas da favela para com o mundo externo. Mas o mundo externo já não existe como existia, protegido que está por trás de seus muros vigiados e ausente dos espaços públicos que outrora frequentava.

O Governo, agora comandado por grupos oriundos da esquerda (e até do socialismo), contenta-se com os números, produzidos por aqueles entes subordinados oriundos da classe média branca das universidades. O montante de riqueza gerada e em circulação, o PIB, torna-se o Absoluto hegeliano. Índice de Gini, IDH, PIB *per capita* comparativo a países desenvolvidos, apesar de dados econométricos igualmente generalizantes e pobres, poderiam matizar o rizível recurso ao tamanho do PIB como bandeira de um governo supostamente

popular. Poucos percebem que na lista dos bilionários da Forbes figuram mexicanos, brasileiros, árabes, mas não suecos, suíços, finlandeses. A desigualdade e a exploração ficam patentes no fato de que os países pobres são aqueles que geram os bilionários. A Esquerda, supostamente compondo o Governo, suicidou (não só assassinou) a própria razão de sua existência ao entregar-se ao marketing político maquiador de números e de sorrisos amarelos do “ah tá”. Não se discute mais, porque não convém, que existe uma diferença entre essência e aparência, podendo uma realidade ser diferente em essência do que nos faria entender um olhar mais rápido e descuidado; aposentou-se a idéia de que o fetichismo da mercadoria jamais é caminho da emancipação, bem como calou-se a voz que discutia que a alienação pode levar as massas à euforia, ainda que objetivamente exploradas. A Esquerda-de-Gabinete sente já asco do suor do trabalhador e tranca-se ela mesma em condomínios fechados. Seus filhos não vivem mais o espaço público e estudam nos colégios privados destinados à elite. A Esquerda-de-Gabinete escuta apenas a voz da massa, facilmente manipulável por técnicas de controle aperfeiçoadas secularmente. Seus pensamentos voltados à governabilidade e a manutenção do poder em coalizões com quem se deveria combater levaram a substituição velada de Marx por pensadores mais adequados ao contexto, desde os conselhos de Maquiavel até a revolta aristocrática de Nietzsche, Ortega y Gasset e Le Bon para culminar nos belos trabalhos dos teóricos das elites. A Esquerda-de-Gabinete quer, no máximo, uma Poliarquia. Tem fracassado até aqui.

Entendido o mapa das 3 categorias principais, percebe-se mais facilmente as relações entre elas, das quais um exemplo exagerado foi a minha saga pela sobrevivência com o homem-da-faca-grande. A classe média branca e o Governo se entendem, ainda que os conflitos apareçam constantemente, mas sempre no nível do gerenciável, da acomodação possível. A classe média branca sente o fedor da cidade abandonada, mas a redução do IPI para carro novo sacia em uma única tacada o seu desejo de consumo fetichista, a sua necessidade de proteger as narinas com vidros fechados e ar condicionado e também servem de proteção contra o contato indesejável com os indivíduos das castas inferiores nos semáforos. A classe média enxerga as ruas esburacadas, os fios que enfeiam os

postes, a ausência de calçadas (que jamais usariam a não ser para estacionar seus veículos), mas as melhores condições de ofertas imobiliárias resolve sua fantasia de morar em um lugar bonito com nome da Roma Antiga. A alta elite, claro, também morde seu naco (bem grande), pois suas empreiteiras constroem esses paraísos. E os Governos (e a Esquerda) são financiados por elas.

Já as classes baixas negras não se relacionam nem com a classe média que as expulsa de suas existências com seus muros e as legam apenas os espaços abandonados e degradados, nem com o Governo, ausente de políticas públicas estruturais, limitado à políticas públicas conjunturais e paliativas para resolver os impasses extremos e emergenciais da lógica desenvolvimentista PIBiana. Na redoma do país-potência reproduzem-se os geradores do caos. Simões Filho, na Bahia, é uma das cidades mais violenta do mundo. A renda circula, os churrasquinhos de gato e os cds piratas vendem como nunca antes na história desse país, mas o avião vendido pela EMBRAER à Bélgica não tem nada a ver com a vida do vendedor nem do comprador do churrasquinho ou do cd. Na sociedade PIBiana, na qual a Esquerda-de-Gabinete abandona seu papel pedagógico preconizado por Gramsci, o aumento das rendas e a circulação de dinheiro acontecem *pari passu* ao aumento do caos, da violência, da desorganização, da agudização de um ódio de classe ingênuo e despolitizado tanto dos de cima para com os de baixo quanto dos de baixo para com os de cima. Se por um lado haveria prazer ao caçador em perfurar minha barriga branca com a faca, por outro lado as barrigas brancas a quem contei o fato torceriam para que a polícia matasse a sangue frio o meliante. A faca representa o ódio de classe do fraco. O extermínio terceirizado entregue ao Estado pelas mãos perfumadas da classe média branca representa o ódio de classe dos mais fortes. Enquanto isso os mais fortes de todos sequer tomam conhecimento de que existem problemas sociais, ocupados que estão a comprar em New York como as Mulheres Ricas na televisão. As massas despossuídas desafiam a propriedade privada, mas dominadas pelo fetichismo da mercadoria e abandonadas pela Esquerda-de-Gabinete, o fazem a seu jeito. Já não há mais posse. Há apenas aquilo-que-eu-consigo-manter-temporariamente-como-meu-usando-minha-força-bruta. É o que Hobbes mais temia ao defender a necessidade do Leviatã.

O Brasil é, de fato, a sexta economia mundial. Mas é também um país sem espaço público. Um amigo relatou-me que há dez anos não sai de casa com o binóculo com o qual tanto gostava de observar as estrelas à noite. Hoje as observa por uma fresta de sua janela, tendo acesso apenas à 20% do céu sobre si. Outros recriminaram-me por sair à rua com a máquina de foto. Para esconder nossa própria vergonha e humilhação por não podermos ser livremente o que gostaríamos de ser ou fazer o que gostaríamos de fazer, chamamos então o medo de cautela. Na ausência de um espaço público, não é possível nem fruir a convivência com o próximo nem discutir os dramas comuns da coletividade. Ao isolar-me em meu condomínio, deixo de ir à praça para me divertir, mas também abandono a Ágora.

Na certeza de que o homem-da-faca-grande não lerá esse texto, de que a classe média branca lerá apenas trechos, comparando o tamanho do documento presente com a genialidade cantada por Michel Teló em poucas palavras e de que o Governo e a Esquerda-de-Gabinete, se por milagre se incomodassem com o presente conteúdo, responderiam com números que 200.000 empregos foram criados nas últimas 24 horas,

Solicito encaminhar esta Carta à Ninguém, a fim de que tome as devidas providências.

Felippe S. Ramos
professor, sociólogo
www.framos.wordpress.com
@felippe_ramos